

EDITORIAL

O presente número da Revista Estudos Nietzsche corresponde ao resultado de uma chamada de artigos que fossem vinculados, de alguma forma, ao tema “saúde e política em Nietzsche”. Trata-se da primeira experiência da Revista do GT-Nietzsche da ANPOF de produzir um número temático. Uma experiência que responde à exigência premente de nossos dias por elementos conceituais que ampliem os horizontes de reflexão sobre a crise de saúde pública e política pela qual estamos passando. O propósito seria, assim, instigar pesquisadores da área de filosofia em geral e do pensamento de Nietzsche em particular para apresentar reflexões sobre um tema contemporâneo, contribuindo para ampliar as perspectivas de abordagem desse tema.

A necessidade que mobilizou os pesquisadores a atenderem o chamado da revista, a crise em questão, tem sua origem, ao certo, na pandemia provocada pelo novo vírus denominado COVID-19, que tem se propagado por toda a superfície do planeta com duras consequências para as pessoas em geral. Isto porque não se trata apenas de um morbidade pontual, mas de um adoecimento que em muitos casos age em associação com outras morbidades potencializadas por ele levando a óbito muitos pacientes infectados. Como se ele tornasse evidente doenças que se encontravam latentes. Nesse mesmo sentido, ainda, o vírus mostra um outro efeito revelador e potencializador, que não diz respeito à saúde individual, mas à dimensão social, na medida em que torna evidente e potencializa formas de biopolítica que tem contornos evidentes de uma necropolítica, de uma política que administra a morte. O vírus, nesse sentido, revela um adoecimento social na forma de disparates que permeiam a vida das pessoas, mas que, em outras condições, teriam uma chance maior de passarem despercebidas. Considerando o caso do Brasil em particular, a pandemia mostrou uma série de idiosincrasias que terminaram por revelar, ao lado do adoecimento pensado em termos individuais, um adoecimento bem mais amplo, que se torna evidente quando a política pública claramente expõe pessoas à morte e a opinião pública parece não se incomodar com isso.

Nesses termos, uma chamada com o tema “saúde e política em Nietzsche” possui um caráter amplo e permite explorar, de diferentes formas, um dos pontos mais interessantes da filosofia de Nietzsche. O modo como ele correlaciona filosofia e saúde, tanto num sentido individual quanto coletivo, considerando, assim, a saúde e seu cultivo em termos individuais, mas também a saúde e o adoecimento da cultura e de certos povos. Os artigos publicados neste número cobrem alguns pontos dessa ampla dimensão assumida pelo tema no pensamento de Nietzsche.

O primeiro artigo, de Oswaldo Giacoia Junior, intitulado “Saúde, Doença e Política em Nietzsche”, toma como ponto de partida a ideia do filósofo de que toda filosofia corresponde a um diagnóstico de estados de saúde e de morbidez. Um diagnóstico que o leva a considerar as possibilidades abertas pela doença, entendida como um fenômeno que pressiona, mas que, também, liberta o espírito, e a propor o que ele chama de uma “terapia dos afetos”. O que o intérprete considera tendo em vista, de forma especial, as possibilidades de superação em si do ressentimento, num debate que é enriquecido com aspectos da interpretação de Georges Canguilhem sobre o tema da saúde e da doença na filosofia de Nietzsche.

O segundo artigo, de Wilson Frezzatti Junior, intitulado “Pequena política e saúde: uma reflexão sob a perspectiva do ciclo cultural de *Humano, demasiado humano*”, coloca em relevo aspectos da relação entre saúde e política que se configuram em especial em *Humano, demasiado humano*, em associação à tese de que a cultura apresenta fases que se repetem de forma cíclica. A partir do material estudado, Frezzatti Junior lança uma suspeita sobre a expectativa criada neste momento em relação a uma vacina para a COVID-19, em especial pelo modo como a vacina aparece associada a um discurso tranquilizador e a uma simplificação ilusória. O que é típico de um fundamentalismo religioso que seria resquício de fases culturais já ultrapassadas.

O terceiro artigo, de Lara Pimentel Figueira Anastacio, intitulado “Funções do patológico em *Aurora* e *A gaia ciência*: um prólogo para a ‘grande saúde’”, coloca em relevo o caminho pessoal percorrido por Nietzsche para a descoberta de sua subjetividade, o que passou por observações feitas pelo filósofo sobre as variações em seu estado de saúde. O artigo evidencia que, embora tenha um traço pessoal, tal empreendimento não se limita a um interesse particular do filósofo, mas possui um papel decisivo em sua filosofia, uma vez que suas observações sobre estados de saúde e de doença oferecem a ele um elemento-chave para avaliar sua contemporaneidade e para a construção de uma estratégia de intervenção em seu tempo.

O quarto artigo, de Regiane Lorenzetti Colares e Luis Celestino de França Junior, intitulado “Não é necessário se adaptar! A luta pela vida e a dimensão da biopolítica afirmativa em Nietzsche”, parte da interpretação de Esposito sobre o pensamento do autor do *Zaratustra*, para destacar o modo como a ideia de vida, entrelaçada com a noção de poder, constitui um elemento-chave da “grande política” de Nietzsche. A vida, seguindo ainda o pensamento de Esposito, não corresponderia a uma metáfora, mas ao plano da efetividade, visto que toda política tem por pressuposto a existência de corpos e só se efetiva por meio de corpos e sobre corpos. Uma análise que permite avaliar os motivos pelos quais corpos, forças vitais são capturadas em uma determinada política.

O quinto artigo, de Enock da Silva Peixoto, intitulado “Nietzsche por suas cartas: A arte musical como forma de saúde e educação de si”, apresenta uma análise das cartas de Nietzsche de 1875 a 1879. Um período de intenso padecimento para o filósofo, mas, também, de reflexão sobre o próprio sofrimento, em especial sobre o papel do sofrimento para a produção da sua obra. O que se evidencia naquelas cartas, bem como a correlação entre saúde e política e o modo como uma sociedade doente pode voltar-se para a produção de indivíduos adoentados e enfraquecidos. Uma correlação que permite, por fim, a defesa da tese de que a superação de si, mesmo sendo um esforço do indivíduo em sua singularidade, está intimamente ligada à saúde social.

O sexto artigo, de Newton Pereira Amusquivar Júnior, intitulado “Saúde e filosofia em Nietzsche”, analisa a correlação estabelecida por Nietzsche entre filosofia e saúde ao longo do pensamento do seu pensamento, voltando-se de forma particular para dois contextos distintos e mostrando as diferenças e continuidades que se estabelece entre eles. O primeiro é dado pelos fragmentos de 1872 a 1874, quando a abordagem do tema concentra-se na ideia do filósofo como médico da cultura e de um povo. O segundo pelo prefácio de *A gaia ciência*, onde a relação entre filosofia e saúde leva em consideração as vivências do filósofo em termos individuais e não exclui a doença, mas a considera como parte do movimento afirmador de sua filosofia.

O sétimo artigo, de José Nicolao Julião, intitulado “Nietzsche sobre Cornaro: ‘o magnífico Cornaro - água para o meu moinho!’”, apresenta um estudo sobre a possível correlação de Nietzsche com o mecenas veneziano Luigi Cornaro. Uma correlação que é tímida e ambígua, nas palavras do intérprete, mas que mostra a afinidade do filósofo com o pensamento de Cornaro, como se pode inferir tendo em vista algumas ideias de Nietzsche sobre o Renascimento e o modo como ele estabelece a correlação entre saúde e doença em sua obra. Em especial na associação estabelecida por ambos entre cultura e corpo, cultura e instintos corporais, e no reconhecimento de ambos das experiências pessoais e dos estados de saúde e de doença como expressões da cultura.

O oitavo artigo, de Carlos Roger Sales da Ponte, intitulado “Por uma dietética da solidão”, coloca em relevo o fato de Nietzsche destacar o caráter nutritivo de suas vivências, a despeito do quanto elas possam ter sido sofridas para ele. Em especial, o autor propõe um estudo sobre o segundo capítulo de *Ecce Homo*, no qual identifica a explicitação de uma dietética e de uma experiência de solidão. Uma singularidade, cujo reconhecimento possui um papel capital tanto para a emergência de seu pensamento quanto para a sua crítica dos valores vigentes.

Segundo o autor, foi a dieta solitária de Nietzsche que permitiu a ele uma perspectiva sobre o mundo que não seria determinada pelas interpretações correntes sobre o seu tempo.

O nono artigo, de Vanessa Lemm, intitulado “Nietzsche e a biopolítica: quatro leituras de Nietzsche como pensador biopolítico”, que fecha o conjunto de artigos deste número especial da *Revista*, apresenta quatro abordagens da filosofia de Nietzsche que o tomam como um pensador biopolítico, tendo em vista, de forma particular, a sua compreensão da vida como vontade de poder. As quatro abordagens estudadas, consideram a biopolítica em Nietzsche: como formadora do paradigma da imunidade, como tanatopolítica, como liberal e neoliberal, e como uma política afirmativa. Tal exposição permite à autora retomar, ao final do artigo, alguns debates sobre a vida animal no âmbito da filosofia política contemporânea.

Em seu conjunto, os artigos apresentam aspectos capitais do pensamento de Nietzsche e diferentes abordagens das relações estabelecidas por ele entre saúde e doença – considerando tanto o ponto de vista do indivíduo quanto o ponto de vista social, com relevo para a crítica ao Estado. Além disso, eles cumprem o propósito de, direta ou indiretamente, dialogar com o tempo presente, ou de apresentar elementos conceituais para esse diálogo. O que pressupõe aquele “difícil equilíbrio” apontado por Merleau-Ponty entre uma obra filosófica e seus intérpretes. Um equilíbrio entre dois mundos que se encontram: o de Nietzsche, um mundo doente, segundo ele, e que exige uma crítica do valor dos valores; e o mundo dos intérpretes, marcado por um adoecimento imposto inicialmente por um vírus, mas que se acentua numa série de comorbidades que atingem o indivíduo, as instituições e o modo como eles se correlacionam entre si.

Este número da *Estudos Nietzsche* apresenta ainda duas resenhas. A primeira, feita por Jelson Roberto de Oliveira, comenta o livro de Wilson Antonio Frezzatti Junior, *Nietzsche e a fisiopsicologia francesa do século XIX*, que corresponde ao volume 5 da coleção Nietzsche em perspectiva e que foi levado a público pela editora Humanitas, de São Paulo, em 2019. A segunda resenha, feita por Carlos Estellita-Lins, traz um comentário do livro de Diana Aurenque, *Die medizinische Moralkritik Friedrich Nietzsches. Genese, Bedeutung und Wirkung*, levado a público pela editora Springer de Weisbaden, em 2018.

Boa leitura!

Curitiba, 21 de dezembro de 2020.

Antonio Edmilson Paschoal